

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

5 e 10 de Dezembro de 2019

OH! SOO-JUNG / 2000

“A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Choi Young-taek *Som:* Choi Sung Rock, Choi Tae-young, Yim Dong-seok *Montagem:* Ham Sung-won *Música:* Ok Gil-seong *Direcção artística:* Choi Seok-Jae *Guarda-roupa:* Kang Ji-hyang, Kim Yu-sun *Interpretação:* Lee Eun-ju (Su-jeong), Jeong Bo-seok (Jae-hun), Moon Sung-keun (Yeong-su), Cho Won-hee, Han Myeong-gu, Ho-Bong Jeong, Kim Yeong-dae, Park Mi-hyeon, Ryeon Cho, Song Mi-Jung, etc.

Produção: Miracin Korea (República da Coreia, 2008) *Produtores:* Ahn Byoung-ju, Choi In-gi *Cópia:* Miracin Korea, ficheiro digital, preto e branco, legendada electronicamente em português, 126 minutos *Título internacional:* VIRGIN STRIPPED BARE BY HER BACHELORS *Primeiras apresentações públicas:* 28 de Abril de 2000 no Festival Internacional de Cinema de Jeonju, na Coreia do Sul; 20 de Maio de 2000, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (“Un certain regard”), em França *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

AVISO

Vamos apresentar OH! SOO-JUNG no ficheiro digital que tínhamos previsto e está disponível para o efeito, alertando para o facto de se tratar de um título originalmente filmado e positivado em 35 mm, e especialmente para a deficiente qualidade de imagem do ficheiro, que não esperávamos. Trata-se no, entanto, da única forma possível de aceder ao filme em projecção num momento em que material em película está impedido de sair do Korean Film Archive.

E ao terceiro filme, Hong Sang-soo partiu-o em dois, numerou-os duas vezes em algarismos de 1 a 7, sobrepôs legendas e intertitulou, filmou a preto-e-branco. Sempre na via dos títulos inesperados (que amiúde evocam outras obras, artes ou autores), chamou-lhe OH! SOO-JUNG, exclamando a interjeição que “cai” no título internacional, menos e mais descritivo: VIRGIN STRIPPED BARE BY HER BACHELORS lembra transparentemente o título da obra em dois painéis de Marcel Duchamp, *A Noiva Desnuda pelos seus Celibatários, Mesmo* (1915-1923). Concluído no estúdio nova-iorquino do pintor francês depois de os sedimentos da poeira de Nova Iorque se depositarem nele ao longo de ano e meio para lhe conferirem a qualidade pictórica pretendida, e matematicamente concebido numa série de meticulosos desenhos e cálculos preparativos, o quadro de vidro de Duchamp só é dado como “definitivamente inacabado” em 1923, após o acaso ter intervindo quando o vidro ficou estriado durante o transporte da obra para uma exposição em Brooklyn. A afinidade com a dimensão formalmente estruturada e marcada pela providência accidental do cinema de Hong Sang-soo reflecte-se então logo no título? As palavras dele não encorajam a tese, assumindo o mero gosto pela ressonância da expressão.

Da mesma lacónica maneira, também na altura afirmou que a opção pelo preto-e-branco se devia a uma vontade de concentração da atenção dos espectadores nas pequenas variações das cenas repetidas – de modo a favorecer um “descubra as diferenças” como no passatempo em dois quadradinhos desenhados de jornal. E mais do que isso, devia-se à vontade de filmar o Inverno em Seul a preto e branco. A propósito: Hong Sang-soo só regressou à variação dos tons cinzentos que

vão do branco ao preto em “O DIA EM QUE ELE CHEGA” (2011) e na fiada dos três últimos títulos de 2017/2018 – os invernaís O DIA SEGUINTE, GRASS, “HOTEL À BEIRA-RIO”. O *raccord* mais transparente de OH! SOO-JUNG encontra-se no entanto no filme em duas partes de 2015, SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA, que trata a história do encontro romântico entre um realizador de cinema e uma jovem artista plástica que se conhecem fortuitamente na cidade de Swon. “Certo então, errado agora” e “Certo agora, errado então”, títulos das duas partes nesse filme, podem revelar a perspectiva *do que foi* e *do que podia ter sido*. É uma das hipóteses de “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES”, cujas duas partes, compostas por repetições e episódios semelhantes com pequenas variantes, ou paralelos, que adoptam pontos de vistas distintos na narrativa e na mise-en-scène (questão de registo, enquadramentos, posições, alterações pouco ou muito significativas), podem corresponder a versões distintas, consecutivas ou a um reflexo digressivo da memória de dois protagonistas.

“Porventura Acidente” e “Porventura Intenção”, tais são os títulos das duas partes assimétricas – uma hora a primeira, uma hora e seis minutos a segunda, cada uma delas subdividida em sete capítulos numerados de durações distintas, pulverizando a narrativa já estilizada em dois. Não são no entanto as únicas subdivisões do filme que, mais imbricado, abre com uma primeira legenda-título, tem uma segunda sensivelmente a meio, e conclui com uma terceira: “Dias de Espera” antecede a chegada de Jae-hun ao hotel e, por conseguinte, o arranque da acção, funcionando como prólogo; “Teleférico Suspenso” abre a sequência de passagem entre as duas partes aos 56 minutos de filme; “Está Tudo Bem Quando Encontramos o Nosso Parceiro”, abre a segunda sequência de teleférico que varia sobre a primeira perto do final do filme, como um epílogo. Estes três momentos correspondem ao dia único do presente da acção, que de resto se passa em flashback. A fragmentação confunde a linearidade narrativa, como confunde a possibilidade da representação consecutiva de duas perspectivas, ou da perspectiva de duas memórias, a dele e a dela sobre a história de ambos. É de facto *reiteração reversível*, o termo empregue por James Quandt (“Twice-told Tales”) notando que foi este o filme em que Hong Sang-soo começou por experimentar a instância mais complexa das estruturas duplas dos seus filmes. (Já levou a um estudo académico que defende a régua e esquadro a linearidade narrativa deste filme a partir da combinação cronológica das suas duas partes, “The Deceptive Design of Hong Sangsoo’s Virgin Stripped Bare by Her Bachelors”, Marshall Deutelbaum, 2015.)

No anterior “O PODER DA PROVÍNCIA DE KANGWON” (1998), a experiência do par desfeito que um rapaz e uma rapariga ensaiam expiar cada um por si numa visita veranil a uma mesma região montanhosa e balnear em que não encontrarão o dia perfeito que passaram juntos, como na canção de Lou Reed que aí se ouve, é construída em dois andamentos individuais num paralelismo que revela desfasamentos e em que o percurso de ambos conflui na estrutura do filme: $(2-1)+(2-1)=2$, na fórmula de Hong Sang-soo. No caso deste filme da rapariga virgem (uma jovem argumentista) cobiçada por dois pretendentes (um produtor de televisão e um galerista), que conta a história do momento do encontro de um casal até à consumação do acto sexual (uma insistência que raia o desespero no caso do rapaz; uma primeira vez para a rapariga cuja ansiedade faz retardar o momento), o efeito entre as duas partes é de ricochete – a interpelação do espectador atinge a sua própria memória diante de uma obra que justamente esgrime a questão perceptiva. E claro, à medida de Hong Sang-soo. Ou seja: “Tendo a não distinguir a memória, a imaginação e os sonhos. Para mim, o cinema é um quadro em que posso pôr as coisas que quero. Os fragmentos da memória, do sonho e da imaginação e os fragmentos da realidade são apenas diferentes no nome, partilham a homogeneidade.”

Assim sendo, num segmento que aparentemente corresponde à perspectiva do rapaz, nessa altura fechado na casa de banho, a imagem mostra a rapariga a despir o sutiã (momento a que ele não assistiu). Assim sendo, da primeira vez que a rapariga encontra o rapaz no parque, entrega-lhe com timidez o par de luvas por ele esquecidas num banco, ao passo que se mostra visivelmente mais descontraída na sequência que retoma esse encontro na segunda parte; ou – outro exemplo de “repetição dessíncrona”, nas duas vezes que evocam a tentativa de Jae-hun convencer Su-jeong a ir para a cama com ele, o pormenor variante é o do objecto que a dada altura cai da mesa do restaurante em que se encontram: um garfo / uma colher. Assim sendo, e porque a meticulosidade da construção do filme resiste intencionalmente à simetria das suas duas partes ao mesmo tempo que segue uma linha de continuidade narrativa, integrando a interrupção que leva a história a regressar ao início sensivelmente a meio, há uma cena na segunda parte em descoincidência com a primeira que introduz uma perturbação temporal: além da expectativa de correspondência exacta entre as partes potencialmente indicada pela numeração de 1 a 7 (x2) ser defraudada no sentido em que essa correspondência varia constantemente, a existência da sequência em que Su-jeong liga a Jae-hun sugerindo um encontro que ele desdenha só se encontra na segunda parte, aventando tratar-se de um momento anterior ao telefonema que põe a acção em marcha. No que respeita a mudanças de tempo, também tem de notar-se que se a última imagem é a do abraço amoroso no quarto de hotel depois do sexo e do sangue, a discussão a que assistimos antes pode bem ser um momento posterior, de resto contrariando a harmonia do desfecho feliz.

Ser um espectador de Hong Sang-soo pode exigir aceitar a simultaneidade de tempos e as possibilidades alternativas do mundo, em que ver e voltar a ver tanto devolvem a visibilidade como os nós invisíveis. Abrindo várias portas, pegando em várias pontas, “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” é um filme em que se afere a inteligência criativa do seu autor com todo o estímulo sensível que igualmente o distingue no equilíbrio improvável desse balanço.

Referência final aos actores: foi o primeiro filme de Hong Sang-soo com actores profissionais, embora na época não exactamente reconhecidos pela qualidade do seu trabalho de interpretação, que “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” comprova. Na altura, Hong ainda filmava a partir de um tratamento escrito, que deixava infiltrar pelo que os actores lhe traziam a partir do momento em que os conhecia, baseado num processo de observação e conhecimento recíproco (pouco mais tarde levou mais longe o método de escrita e filmagem que até hoje é o seu: escreve as cenas e diálogos a rodar na manhã de cada dia de filmagens, entregando-os aos actores em cima da hora). Tinha por hábito procurar a fidelidade da equipa técnica e variar os actores de filme para filme, o que só mudou com Kim Sang-kyung, o actor que reincidiu em “RECORDANDO A PORTA GIRATÓRIA”, “CONTO DE CINEMA” (2002/05) e HAHHAHA (2010), antes da mais recente relação de trabalho com Kim Minhee, sua actriz de SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA para cá. Sobre a jovem Lee Eun-ju (1980-2005), a sua Su-jeong, que viria a suicidar-se poucos anos depois, contou Hong que quando se conheceram Lee lhe respondeu com um impressionante “pela honra” quando lhe perguntou o que a levava a ser actriz. Foi a ela que filmou na romântica cena com Jeong Bo-seok (Jae-hun) no lago gelado em que um grande plano destaca um papelito preso no gelo translúcido em que se lê “ppoppo” (beijo).